

## POTENCIAL DE USO DOS RECURSOS VEGETAIS EM UMA COMUNIDADE RURAL NO SEMIÁRIDO POTIGUAR<sup>1</sup>

ALAN DE ARAÚJO ROQUE<sup>2\*</sup>, MARIA IRACEMA BEZERRA LOIOLA<sup>3</sup>

**RESUMO** - O objetivo deste estudo foi identificar as principais categorias de uso de plantas nativas em uma comunidade rural no município de Caicó, Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. No período de março/2007 a agosto/2008 foram realizadas entrevistas semiestruturadas e estruturadas junto a 23 especialistas locais (mateiros, rezadeiras, raizeiros, agricultores e donas de casa) com idade superior a 35 anos. São descritos os usos de 69 espécies enquadrados em sete categorias: medicinal, alimentícia, madeireira, místico, combustível, forrageira e uso doméstico. As famílias mais citadas foram Fabaceae (14 espécies), Euphorbiaceae (6 espécies), Cucurbitaceae e Cactaceae (3 espécies cada). *Amburana cearensis* (Allemão) A.C.Sm. (cumaru) e *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir. (jurema preta) foram as espécies com o maior número de citações e de indicações de usos. O potencial medicinal foi relacionado a 62 espécies (89,85 %) e o madeireiro a 16 espécies (23,18%). As cascas e as raízes são as partes da planta mais utilizadas. Os dados indicam que a flora da região do Seridó potiguar possui um grande potencial de uso e que essa comunidade se utiliza com frequência dos recursos vegetais locais no seu dia-a-dia, para as mais diferentes finalidades.

**Palavras-chave:** Caatinga. Etnobotânica. Fitoterapia. Nordeste do Brasil.

## POTENTIAL OF USING PLANT RESOURCES IN A RURAL COMMUNITY IN THE SEMIARID IN THE POTIGUAR SEMIARID

**ABSTRACT** - The aim of this study was to identify the main categories of use of native plants in a rural community from Caicó Municipality, Rio Grande do Norte, Northeastern Brazil. From March 2007 to August 2008 semi-structured and structured interviews were conducted with 23 local specialists (woodsmen, witch doctors, healers, growers and housewives) aged over 35. We describe the uses of 69 species grouped in seven categories which are: medicinal, food, wood, mystic, fuel, fodder and household. The families with the largest representation in the interviews were Fabaceae (14 species), Euphorbiaceae (6 species), Cucurbitaceae and Cactaceae (3 species each). By calculating the value in use, it was found that *Amburana cearensis* (Allemão) A. C. Sm. (cumaru) and *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir. (jurema preta) stood out as the species with the highest number of citations and nominated uses. The medicinal use was related to 62 species (89.85 %). Barks and roots were the most consumed parts. The data indicate that the flora of the Potiguar Seridó has a great potential of use and that this community will often use local plant resources in their everyday life, for many different purposes.

**Keywords:** Caatinga. Ethnobotany. Phytoterapy. Northeastern of Brazil.

\* Autor para correspondência

<sup>1</sup>Recebido para publicação em 04/03/2012; aceito em 10/09/2013

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Lagoa Nova, 59072-970, Natal – RN, Brasil; alan.ufrn@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal do Ceará, Departamento de Biologia, Herbário EAC, 60440-900, Fortaleza - CE, Brasil; iloiola@ufc.br

## INTRODUÇÃO

A caatinga é considerada um dos tipos de vegetação menos estudados no Brasil e é também um dos que mais sofreu a interferência humana (CASTELLETTI et al., 2000). Maia (2004) ressaltou que esta vegetação encontra-se muito devastada e, conseqüentemente, teve uma redução drástica no seu potencial de produção. Esse fato geralmente está associado a um conjunto de ações realizadas pela própria população como conversão de extensas áreas de vegetação nativa em pastagens e/ou derrubada de árvores para a produção de madeira e carvão, entre outras (ARAÚJO et al., 2005).

Estudos recentes indicam que aproximadamente 1.512 espécies ocorrem na caatinga (QUEIROZ et al., 2006) e que muitas dessas plantas fornecem os recursos básicos como alimentação, remédios, forragem para os mais variados tipos de rebanhos, madeira para construções, entre outros, para a sobrevivência das populações que vivem neste ambiente semiárido (QUEIROZ, 2009). Lucena et al. (2007) destacaram que esses recursos contribuem consideravelmente para a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas.

As plantas da caatinga constitui objeto de estudo nas mais diferentes áreas da ciência e pesquisas na área de Etnobotânica têm sido desenvolvidas, no intuito de evidenciar o potencial de uso das plantas que ocorrem nesse tipo vegetacional (ALBUQUERQUE; ANDRADE 2002a, 2002b; ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2002; SAMPAIO et al., 2002; SILVA; ANDRADE, 2005; LUCENA et al., 2007, 2008; GOMES et al., 2008; MOSCA; LOIOLA, 2009; OLIVEIRA et al., 2010; CARTAXO et al., 2010; LOIOLA et al., 2010; ROQUE et al., 2009, 2010; SILVA; FREIRE 2010; MARINHO et al., 2011; NASCIMENTO et al., 2011; CARVALHO et al., 2013).

De acordo com Albuquerque & Andrade (2002a), os estudos com plantas nativas podem identificar problemas ocasionados pelo mau uso dos recursos vegetais e também oferecer à população local, alternativas eficazes que diminuam o impacto da coleta sobre as espécies vegetais disponíveis. Ressalta-se ainda que trabalhos dessa natureza são necessários e imprescindíveis, uma vez que podem indicar a relação dessas populações com a vegetação local, bem como as principais causas de degradação ambiental.

Especificamente para o estado do Rio Grande do Norte, apenas dois estudos etnobotânicos foram realizados com as espécies nativas do semiárido potiguar. O primeiro foi desenvolvido por Roque et al. (2010) no município de Caicó e o segundo, por Silva e Freire (2010) no município de Serra Negra do Norte.

Considerando à quase inexistência na literatura de informações sobre a utilização da flora potiguar e seus efeitos fitoterápicos, este trabalho teve como

objetivo conhecer e caracterizar o potencial das espécies nativas úteis em uma área de caatinga no Rio Grande do Norte.

## MATERIAL E MÉTODOS

**Área de Estudo** - A comunidade rural de Laginhas (06°14'59"S; 37°03'22"W) está situada no município de Caicó, porção centro-sul do Rio Grande do Norte, em uma região denominada Seridó Potiguar (Figura 1).

De acordo com Amorim et al. (2005), quanto à flora, a vegetação do Seridó parece um subconjunto empobrecido da flora geral da caatinga do cristalino. Já quanto à estrutura, a vegetação lenhosa do Seridó é mais aberta, mais baixa e com menor biomassa que as das outras áreas de caatinga, constituindo um tipo de fisionomia de caatinga distinto dos demais.

Na área predominam um clima do tipo Bshw (semiárido quente e seco com curta estação chuvosa, que ocorre no trimestre março/abril/maio); temperaturas elevadas, variando entre 25°C a 35°C (VARELA-FREIRE, 2002) e vegetação Savana-Estéptica Gramíneo-Lenhosa (IBGE, 2013), que possui um estrato herbáceo bem definido no período de chuvas.

De acordo com o IBGE (2000), a população desta comunidade é de 434 habitantes (214 homens e 220 mulheres), os quais sobrevivem em sua maioria, da agricultura de subsistência e da criação de gado bovino e caprino.

**Coleta e análise dos dados** - No período de março/2007 a agosto/2008, os dados sobre o conhecimento e uso das plantas foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, estruturadas e observação participante seguindo Albuquerque e Lucena (2004). Neste intervalo ocorreu uma estação seca e uma chuvosa.

A técnica de amostragem foi baseada em Bailey (1994), sendo denominada "bola de neve", ou seja, após várias visitas à comunidade, foi identificado um especialista e este por sua vez, fez a indicação de outra pessoa detentora do conhecimento do uso das plantas e assim sucessivamente. Desta forma, foram entrevistadas 23 pessoas (11 mulheres e 12 homens) identificadas pela comunidade como especialistas locais. A faixa etária dos entrevistados variou de 36 a 96 anos e incluiu mateiros, rezadeiras, raizeiros, agricultores e donas-de-casa.

Recorrendo-se à técnica "turnê-guiada" (ver ALBUQUERQUE; LUCENA, 2004), realizaram-se idas a campo para a coleta de amostras botânicas férteis na companhia de um ou mais entrevistados. Posteriormente, essas amostras foram herborizadas seguindo a metodologia de Bridson e Forman (1998) e identificadas através de consultas a bibliografias especializadas e/ou por comparação com exemplares

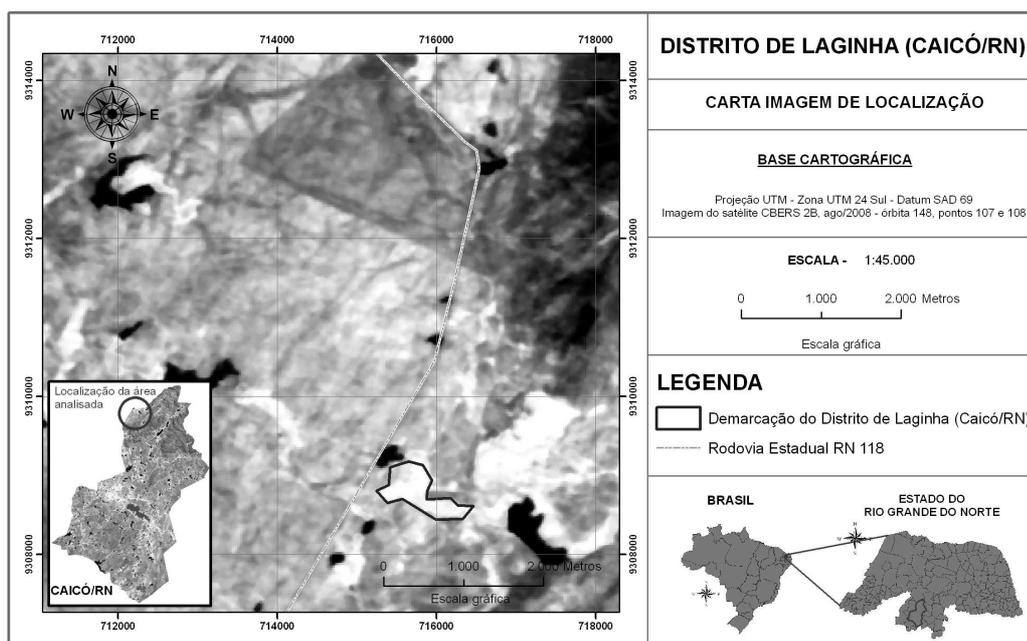
pertencentes ao acervo do Herbário UFRN, onde toda a coleção resultante desta pesquisa encontra-se depositada.

A classificação das famílias está de acordo com Angiosperm Phylogeny Group (APG 2009). Para a grafia correta dos nomes dos táxons foram consultados os bancos de dados da Lista de espécies da flora do Brasil (2013) e o Tropicos, do Missouri Botanical Garden (MOBOT, 2013).

As plantas foram separadas em sete categorias de uso: medicinal, alimentícia, madeireira, místico, combustível, forrageira e uso doméstico. Estas cate-

gorias foram levantadas a partir das indicações dadas pelos informantes.

O valor de uso da espécie foi calculado através da razão entre somatório das citações de uso para uma determinada espécie e o número total de informantes, através da fórmula  $VU_s = \sum U_s/n_s$  proposta por Phillips & Gentry (1993), onde:  $VU_s$  = Valor de uso da espécie;  $U_s$  = número de usos mencionados por cada informante para a espécie;  $n_s$  = número total de informantes). Para este trabalho,  $n_s$  é sempre 1 (um) para todas as espécies, pois cada informante foi entrevistado uma única vez.



**Figura 1.** Mapa evidenciando a comunidade rural de Leginhas (círculo e seta) no município de Caicó, Rio Grande do Norte, Brasil.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os especialistas locais indicaram e fazem uso de 69 espécies vegetais nativas pertencentes a 58 gêneros e 35 famílias (Tabela 1). Apenas uma espécie de Pteridófito foi citada, *Selaginella convoluta*, todas as demais são do grupo das Angiospermas.

As famílias com maior representatividade em número de espécies e citações de usos foram Fabaceae (14 spp/quatro categorias de uso), seguida de Euphorbiaceae (seis spp/duas categorias de uso), Cactaceae (três espécies/três categorias de uso) e Cucurbitaceae (três spp e duas categorias de uso). Do total, 19 famílias (40%) tiveram apenas um representante indicado.

*Croton* foi o gênero com o maior número de citações, estando representado por três espécies enquadradas em duas categorias de uso, seguido por *Bauhinia* com duas espécies em três categorias de uso. Os demais gêneros foram representados por apenas uma espécie.

Comparando-se o número de espécies obtido no presente estudo, com outros desenvolvidos no Rio

Grande do Norte, observou-se que este foi superior ao encontrado por Silva e Freire (2010) ao realizarem um levantamento etnobotânico com populações residentes no entorno da ESEC Seridó, uma unidade de conservação da caatinga no município de Serra Negra do Norte – RN. As autoras listadas 48 espécies nativas, sendo também Fabaceae a família com o maior número de espécies utilizadas (oito).

É interessante destacar que em levantamentos florísticos realizados no semiárido potiguar (SANTANA; SOUTO, 2006; ROQUE et al., 2009) Fabaceae e Euphorbiaceae são apontadas como as mais representativas em número de espécies.

No entanto, ao se comparar o número de espécies relacionadas no presente estudo (69), com pesquisas etnobotânicas realizadas em outras áreas de caatinga no nordeste brasileiro, este parece ser reduzido. Porém, merece destacar que esse estudo teve como foco somente as espécies nativas que possuíam algum tipo de uso na comunidade de Leginhas.

No trabalho desenvolvido por Albuquerque e Andrade (2002a) em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, foram registradas 112 espécies ve-

tais pertencentes a 40 famílias. No entanto, os autores incluíram sistemas agroflorestais e vegetação natural. Já Silva e Albuquerque (2005), consideraram apenas as espécies arbóreas medicinais de seis diferentes áreas nos municípios de Buíque, Caruaru, Floresta, Custódia e Ibitimir (todos inseridos na caatinga pernambucana) e registraram 57 espécies.

Aqui merece destacar que esses autores desenvolveram o estudo em uma maior área. Dois anos depois, Florentino et al. (2007) estudaram a diversidade florística e a contribuição dos quintais florestais para a conservação da diversidade no município de Caruaru, também em Pernambuco, onde registraram 84 espécies pertencentes a 35 famílias.

**Tabela 1.** Lista das espécies citadas pelos especialistas locais da comunidade rural de Laginhas, Caicó – RN. Convenções: Categoria de uso: A- Medicinal, B- Madeireira, C- Alimentícia, D- Místico, E- Combustível, F- Forrageira e G- Doméstico. VU– valor de uso da espécie. Hábito: erv = erva; sub = subarbusto; arb = arbusto; arv = árvore; trep = trepadeira.

Família/Nome Científico	Nome Vernacular	Categoria de uso	VU	Hábito	Registro UFRN
<b>PTERIDOPHYTA</b>					
<b>SELAGINELLACEAE</b>					
<i>Selaginella convoluta</i> (Arn.) Spring	mão-fechada	A	0,17	erv	7261
<b>ANGIOSPERMAE</b>					
<b>ALISMATACEAE</b>					
<i>Echinodorus subalatus</i> (Mart.) Griseb	língua-de-vaca	A	0,08	erv	5452
<b>AMARANTHACEAE</b>					
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	mastruz	A	0,60	erv	7727
<i>Gomphrena demissa</i> Mart.	capitãozinho	A	0,73	erv	4096
<b>ANACARDIACEAE</b>					
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	aroeira	A, B	1,69	arv	5522
<b>APOCYNACEAE</b>					
<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	pereiro	A, B, E	1,73	arv	6393
<b>ARECACEAE</b>					
<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E. Moore	carnaúba	A, B, C, G	1,08	arv	7726
<b>ASTERACEAE</b>					
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	carrapicho-cigano	A	0,30	erv	7723
<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	macela	A	0,04	erv	6681
<b>BIGNONIACEAE</b>					
<i>Androanthus impetiginosus</i> Mattos	pau -d'arco-roxo	A, B, E	0,95	arv	8036
<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	craibeira	B	0,08	arv	6629
<b>BORAGINACEAE</b>					
<i>Cordia insignis</i> Cham.	louro	B	0,47	arb	6378
<i>Heliotropium elongatum</i> (Lehm.) I.M. Johnst.	fedegoso	A	0,69	sub	6396
<b>BROMELIACEAE</b>					
<i>Encholirium spectabile</i> Mart. ex Schult. f.	macambira	G	0,04		6386
<b>BURSERACEAE</b>					
<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B. Gillett	imburana	A, B	0,73	arv	6395
<b>CACTACEAE</b>					
<i>Cereus jamacaru</i> DC.	mandacaru	A, C, F	0,73	arb	6658
<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	coroa-de-frade	A	0,65	erv	-
<i>Pilosocereus gounellei</i> (F.A.C.Weber) Byles & G.D. Rowley	xique-xique	A, C, F	0,56	arb	6659
<b>CAPPARACEAE</b>					
<i>Cynophalla flexuosa</i> (L.) J.Presl.	feijão-bravo	A	0,08	arb	6387
<i>Tarenaya spinosa</i> (Jacq.) Raf.	mussambê	A	0,73	sub	4077

**Tabela 1.** Continuação

Família/Nome Científico	Nome Vernacular	Categoria de uso	VU	Hábito	Registro UFRN
<b>CHRYSOBALANACEAE</b>					
<i>Licania rigida</i> Benth.	oiticica	A, F	0,13	arv	7582
<b>COMBRETACEAE</b>					
<i>Combretum leprosum</i> Mart.	mofumbo	A, B, E	0,21	arb	4104
<b>CONVOLVULACEAE</b>					
<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	salsa	A	0,26	trep	8039
<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	batata-de-purga	A	0,82	trep	7967
<b>CUCURBITACEAE</b>					
<i>Apodanthera congestiflora</i> Cogn.	cabeça-de-negro	A	0,47	trep	7660
<i>Luffa cylindrica</i> M. Roem.	bucheira	G	0,04	trep	7583
<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	cabacinha	A	0,60	trep	-
<b>CYPERACEAE</b>					
<i>Cyperus articulatus</i> L.	junco	A	0,21	erv	6686
<i>Fimbristylis vahlii</i> (Lam.) Link	barba-de-bode	A	0,08	erv	7687
<b>EUPHORBIACEAE</b>					
<i>Cnidoscolus quercifolius</i> Pohl	favela	A	0,39	sub	6389
<i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur	urtiga	A	0,34	sub	7301
<i>Croton blanchetianus</i> Baill.	marmeleiro	A, B	1,00	arb	4072
<i>Croton heliotropiifolius</i> Kunth.	velame	A	0,17	arb	2802
<i>Croton</i> sp.	marmeleiro-branco	A	0,04	arb	-
<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	pinhão-brabo	A	0,21	arb	6679
<b>FABACEAE</b>					
Caesalpinioideae					
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	mororó-preto	A, B, F	0,34	arb	4099
<i>Bauhinia pentandra</i> (Bong.) Vogel ex Steud.	mororó-branco	A	0,26	arb	4069
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P. Queiroz	jucá	A	0,53	arv	7730
<i>Poincianella pyramidalis</i> (Tul.) L.P. Queiroz	catingueira	A, E	0,43	arv	4103
<i>Senna obtusifolia</i> (L.) H.S. Irwin & Barneby	mata-pasto	A	0,04	arb	7724
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	manjerioba	A	0,08	arb	6670
Faboideae					
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	cumaru	A, B	2,04	arv	7928
<i>Dioclea grandiflora</i> Mart. ex Benth.	mucunã	A, D	0,17	trep	8025
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	mulungu	A	0,04	arv	7725
<i>Geoffroea spinosa</i> Jacq.	umarizeiro	A	0,04	arv	-
<i>Myroxylon peruiferum</i> L. f.	brejuí	A, B, D	0,39	arv	5524
Mimosoideae					
<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul	angico	A, B, G	1,08	arv	6622
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	jurema-preta	A, B, E	1,78	arv	6383
<i>Piptadenia stipulacea</i> (Benth.) Ducke	jurema-branca	E	0,04	arv	4101

**Tabela 1.** Continuação

Família/Nome Científico	Nome Vernacular	Categoria de uso	VU	Hábito	Registro UFRN
<b>LAMIACEAE</b>					
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	alfazema-braba	A	0,73	erv	7581
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kuntze	betônica	A	0,08	erv	7511
<i>Vitex gardneriana</i> Schauer	jaramataia	A	0,65	arb	7506
<b>MALVACEAE</b>					
<i>Helicteres baruensis</i> Jacq.	guaxuma	B	0,17	arb	4076
<i>Pseudobombax marginatum</i> (A. St. -Hil., Juss. & Cambes.) A. Robyns	embiratã	A	0,04	arv	5449
<b>NYCTAGINACEAE</b>					
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	pega-pinto	A	0,30	erv	6652
<b>OLACACEAE</b>					
<i>Ximenia americana</i> L.	ameixa	A	0,47	arb	6388
<b>PASSIFLORACEAE</b>					
<i>Passiflora foetida</i> L.	maracujá-do-mato	A, C	0,21	trep	4071
<b>PHYLLANTHACEAE</b>					
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	A	0,39	erv	7732
<b>PLANTAGINACEAE</b>					
<i>Scoparia dulcis</i> L.	vassourinha	A, D	0,65	sub	6631
<b>POLYGONACEAE</b>					
<i>Triplaris gardneriana</i> Wedd.	cauaçú	A	0,08	arv	-
<b>RHAMNACEAE</b>					
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	juazeiro	A, C, F	1,34	arv	4049
<b>RUBIACEAE</b>					
<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schlttdl.) K. Schum.	genipapo	A	0,04	arb	6675
<i>Guettarda angelica</i> Mart. ex Müll. Arg.	quina-da-serra	A	0,04	arb	4108
<b>SAPOTACEAE</b>					
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D.Penn.	quixabeira	A, B, C	1,04	arv	5523
<b>SOLANACEAE</b>					
<i>Physalis angulata</i> L.	canapú	C	0,26	erv	7926
<i>Solanum agrarium</i> Sendtn.	melancia-da-praia	A, C	0,47	arb	-
<i>Solanum sp.</i>	jurubeba	A	0,13	arb	-
<b>TURNERACEAE</b>					
<i>Turnera subulata</i> Sm.	chanana	A	0,82	erv	6654
<b>VIOLACEAE</b>					
<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Oken	papacunha, ipepacunha	A	0,43	erv	-

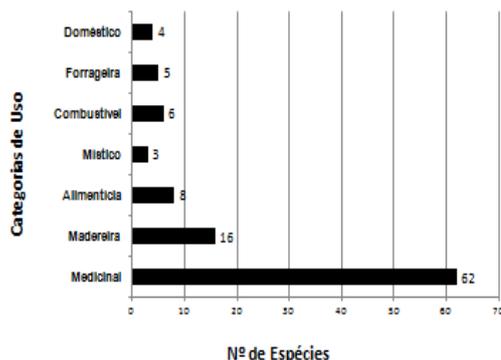
Em relação às categorias de uso constatou-se que:

**Medicinal-** O maior uso aplicado à vegetação da comunidade de Laginhas é o medicinal (Figura 2), que foi relacionado a 62 espécies (89,85%). Dentre estas, 22 foram indicadas também para outras finalidades.

Resultado semelhante foi obtido por Silva e Freire (2010) ao realizarem um levantamento sobre as plantas medicinais usadas por populações residentes no entorno de uma unidade de conservação da caatinga no município de Serra negra do Norte - RN. Essas autoras contataram que das 48 espécies nativas citadas pelos entrevistados, 31 estão associadas a

alguma propriedade medicinal.

Os dados obtidos no presente estudos também corroboram aqueles realizados por Albuquerque e Andrade (2002b) e Silva e Andrade (2005) para outras áreas do nordeste brasileiro em relação ao destaque do uso medicinal das plantas da caatinga. Uma provável explicação para esses resultados deve-se ao fato de que, às vezes, as plantas locais constituem a principal fonte de matéria-prima para a produção de medicamentos caseiros para a população.



**Figura 2.** Relação das categorias de uso e os respectivos números de citações das espécies vegetais na comunidade de Laginhas, Caicó - RN.

Analisando trabalhos sobre plantas medicinais no estado de Pernambuco, onde foram consideradas tanto espécies nativas como introduzidas, verificou-se que o número de espécies nativas é relativamente baixo. No estudo realizado por Albuquerque e Andrade (2002b) numa área de caatinga no agreste pernambucano, das 48 plantas levantadas 34 eram nativas; Já na pesquisa desenvolvida por Teixeira e Melo (2006) no município de Jupi, das 106 espécies reportadas somente 27 eram nativas da região. Florentino et al. (2007) verificaram que das 84 espécies listadas no município de Caruaru, 28 representavam espécies nativas.

No presente trabalho, *Amburana cearensis* (cumaru) e *Mimosa tenuiflora* (jurema preta) se destacaram como as espécies com o maior número de citações e de indicações de usos terapêuticos (Tabela 1). Já no estudo realizado por Silva e Freire (2010) com populações do entorno da ESEC Seridó - RN, *Poincianella pyramidalis* (catingueira) foi a espécie com o maior número de citações, 19 no total.

Merece ressaltar que entre as espécies listadas para Laginhas, *Jatropha mollissima* (pinhão-bravo) e *Commiphora leptophloeos* (imburana) foram consideradas por Giulietti et al. (2002) como espécies endêmicas da caatinga nordestina.

Nesta categoria de uso, as ervas constituíram as principais fontes de consumo dos entrevistados (Tabela 1), corroborando os estudos de Santos et al. (2008) que registraram esse tipo de hábito em 63% das espécies com potencial medicinal na comunidade

rural da Vargem Grande, município de Natividade da Serra, SP. Chamamos atenção para o fato de que as plantas herbáceas estão presentes apenas na época das chuvas e que no período de estiagem, estas plantas desaparecem, pelo fato de seu ciclo de vida ser anual.

As partes das plantas mais utilizadas pelos entrevistados na comunidade rural de Laginhas foram as cascas e as raízes, que são usadas principalmente no tratamento de doenças respiratórias, inflamações e doenças infecciosas e parasitárias, sendo estas consumidas em forma de infusos, xaropes (também conhecido popularmente por lambedor) e maceração. Resultados semelhantes foram obtidos por diferentes autores (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002a; MOSCA; LOIOLA, 2009; SILVA; FREIRE, 2010), que pesquisaram em comunidades de Caatinga. Esses autores acreditam que o maior uso destas partes da planta (cascas e raízes) deve-se ao fato de estar disponíveis durante todo o ano, o mesmo não ocorrendo com as folhas, em função da caducifolia no período de estiagem.

As doenças relacionadas ao aparelho respiratório foram as mais citadas pelos entrevistados, dando-se destaque a gripe, doença mais lembrada nas entrevistas. Esses dados corroboram aqueles obtidos por Silva e Freire (2010) para a região do Seridó potiguar.

**Alimentícia** - Foram incluídas nesta categoria oito espécies, que corresponde a 11,59% das plantas registradas. As espécies mais citadas foram *Ziziphus joazeiro* (juazeiro) e *Sideroxylon obtusifolium* (quixabeira). Ressalta-se que os frutos de *Cereus jamacaru* (mandacaru) e *Pilosocereus gounellei* (xique-xique) também são muito apreciados pelos informantes. A parte da planta consumida é o fruto em estado natural.

Verificamos geralmente a parte das plantas nativas que são usadas na alimentação somente está disponível no período das chuvas. Estas são consumidas em pequena quantidade, não tendo significância expressiva como complemento alimentar dos entrevistados. Por possuir água disponível no açude local, esta comunidade sobrevive da agricultura de subsistência, com cultivo nas vazantes de *Zea mays* L. (milho), *Phaseolus vulgaris* L. (feijão), *Ipomoea batatas* L. (batata-doce) e *Cucurbita maxima* Duchesne (jerimum), sendo esses os produtos básicos da alimentação da comunidade.

Os frutos também se destacaram como fonte de alimento em estudos realizados em Pernambuco por Albuquerque e Andrade (2002b). Esses autores ressaltaram que os frutos são consumidos *in natura* ou em forma de suco e que também não apresentam valor comercial.

**Madeireira** - Foram registradas 16 espécies nesta categoria, correspondendo a 23,18% do total. As plantas que obtiveram maior número de usos atribuídos foram *Aspidosperma pyrifolium* (pereiro), *Myra-*

*crodrun urundeuva* (aroeira) e *Amburana cearensis* (cumaru).

Na comunidade de Laginhas, há o aproveitamento da madeira de algumas espécies para os mais diversos usos, principalmente na fabricação de cercas com arame e de faxina (cercas apenas de estacas), portas, janelas e porteiros.

Os entrevistados enfatizaram que as formas de utilização das espécies madeireira diminuíram com o passar do tempo. Há alguns anos atrás, utilizava-se com maior frequência a madeira para a construção de casas e confecção de portas, janelas e móveis. No entanto, com as facilidades atuais da padronização do corte da madeira e pela comodidade oferecida pelas madeiras, o uso das plantas locais para as finalidades supracitadas.

De acordo com Maia (2004) estas três espécies possuem madeira resistente, que é empregada especialmente na fabricação de móveis como cadeiras e tamboretas, portas, tacos de pisos, esquadrias, caibros, ripas, forros e estacas para cercas. Por outro lado, esta mesma autora destacou que aproximadamente 600 espécies que ocorrem na caatinga têm alto potencial para lenha e que poderiam ser melhor aproveitadas pela população que vive nesta região.

**Mística** – Foram citadas três espécies (representando 4,34 % do total de espécies listadas) associadas aos rituais para o tratamento das doenças culturais (quebrante, arca-caída, força de dente, encosto, feitiço, peito-aberto, vista quebrada) ou que servem como um auxiliar espiritual.

As cascas de *Myroxylon peruiferum* (brejuí) são muito usadas pela população para a produção de banhos e defumadores, e esta árvore, que já é raríssima, poderá desaparecer das redondezas. Já *Scoparia dulcis* (vassourinha) é a espécie preferida pelas rezadeiras nos seus rituais. Rezar com outros ramos também é possível, desde que não tenha “pêlos” (tricomas) ou espinhos. No entanto, ao retirar o ramo de outra planta que não seja a “vassourinha”, acarretaria na morte completa desta planta, uma vez que segundo a crença, a doença do enfermo “passará para o vegetal”.

O uso de amuletos é pouco comum nos dias atuais, mas alguns entrevistados lembram que, na infância, as mães colocavam a semente de *Dioclea grandiflora* (mucunã) no pescoço das crianças para afastar “quebrantes” e para amenizar a “força dos dentes”.

**Combustível** - Representada por seis espécies (8,6% do total das espécies reportadas), têm-se como plantas mais citadas para esse uso *Mimosa tenuiflora* (jurema-preta) e *Aspidosperma pyrifolium* (pereiro).

Esse número é relativamente muito inferior ao obtido por Lucena et al. (2007) em um levantamento etnobotânico realizado em comunidades rurais da caatinga pernambucana, onde foram apontadas 36 espécies para essa categoria.

Embora poucas espécies tenham sido indica-

das pelos informantes, essa é uma das categorias que possui o maior impacto sobre a vegetação local. A comunidade de Laginhas está visivelmente cercada por “carvoeiras” que diariamente recebem carregamentos de madeira para a produção de lenha. A retirada da lenha se dá no entorno da comunidade e ocorre de maneira desenfreada, ocasionando uma aparência desértica em algumas áreas, contribuindo fortemente para a diminuição na diversidade de espécies que a população poderia usufruir.

É nesta categoria que está uma das maiores fontes de sustento de muitas famílias de Laginhas. Os homens trabalham no corte da lenha e na produção de carvão, enquanto as mulheres ensacam e muitas vezes vendem o produto. O carvão além de ser vendido na própria comunidade, é ainda comercializado nos municípios de Caicó e Jucurutu.

**Forageira** - Foram indicadas apenas cinco espécies como forrageiras, representando 7,2% do total. Para reforçar a alimentação dos animais nos períodos de grandes estiagens, os cladódios (caules) de *Pilosocereus gounellei* (xique-xique) e de *Cereus jamacaru* (mandacaru) são assados para a retirada dos espinhos, tornando a principal forma de sustento dos rebanhos na seca. De acordo com Braga (2001), esta é uma prática muito comum em toda a região Nordeste.

Obtivemos ainda citações para as seguintes espécies: *Bauhinia cheilantha* (mororó), *Licania rigida* (oiticica) e *Ziziphus joazeiro* (juazeiro). Estas plantas também se destacam, segundo Batista et al. (2005), como plantas de grande participação na dieta de bovinos, caprinos e ovinos em uma área de caatinga em Serra Talhada, estado de Pernambuco.

É interessante destacar que as gramíneas não foram citadas. Quando os entrevistados eram indagados sobre estas, demonstravam possuir pouco conhecimento sobre o assunto, ao mesmo tempo em que acreditavam que todos os “capins” estavam entre as espécies exóticas. Este fato, de acordo com Sampaio (2002) e Batista et al. (2005), provavelmente está relacionado ao uso de vários gêneros (*Cenchrus*, *Urochloa*, *Andropogon*) de origem africana na formação de pastagem na caatinga, uma vez que são mais palatáveis aos animais.

**Doméstico** - Categoria representação por quatro espécies, correspondendo a 5,79% das plantas levantadas.

*Copernicia prunifera* (carnaúba) foi a espécie que obteve maior número de indicação, sendo lembrada para a produção de balaios, vassouras, cestas e chapéus. O uso de *Luffa aegyptiaca* bucheira) em substituição às esponjas de lavar louça, também é muito frequente na comunidade de Lajinhas. Já a parte basal da inflorescência de *Encholirium spectabile* (macambira) é usada na fabricação de rolhas e as cascas de *Anadenanthera colubrina* var. cebil (angico) são utilizadas para o curtimento de couro animal (curtume).

### O valor de uso das espécies

As espécies que mais se destacaram quanto o valor de uso foram *Amburana cearensis* (2,04), *Mimosa tenuiflora* (1,78), *Aspidosperma pyrifolium* (1,73), *Myracrodruon urundeuva* (1,69) e *Ziziphus joazeiro* (1,34).

*Amburana cearensis* é uma planta muito requisitada pela população e teve seu uso associado às categorias medicinal e madeireira. Dentro da categoria medicinal, as cascas e as sementes desta planta são utilizadas no combate à gripe, sinusite, dor de cabeça, dores musculares, tosse e prisão de ventre. As cascas podem ser usadas na produção de xaropes (lambedores), maceração ou na produção de “balas” que são muito procuradas pela população, pois além de potencial medicinal, possuem sabor muito agradável. As sementes do cumaru são torradas, piladas e o pó proveniente desse processo é aspirado pelo doente. Na categoria madeireira, o cumaru é reconhecido por ser uma espécie de madeira boa, resistente e de cheiro agradável, sendo usada para a produção de mesas, tamboretos, baús, portas e janelas.

*Mimosa tenuiflora* recebeu indicações nas categorias medicinal, madeireira e combustível. Suas principais indicações foram para a produção de carvão (possui alto valor energético), assim como na confecção de estacas para cercas de arame e de faxina. Em relação ao uso medicinal, foi indicada no tratamento de inflamações, ferimentos, dores de barriga e de gripes. Ao se observar as áreas antropizadas na região, verificou-se a existência de extensas áreas compostas apenas por jurema-preta. Tal fato deve, provavelmente, ao rebrotamento consideravelmente rápido dessa espécie.

*Aspidosperma pyrifolium* foi associada às categorias medicinal, madeireira e combustível. Esta espécie obteve o maior número de citação referente ao seu uso madeireiro, onde foi indicada na produção de portas, janelas, caibros, ripas, porteiras, estacas, mesas, tamboretos e cabos para ferramentas. Como combustível, foi indicada na produção de carvão e como lenha de fornos caseiros. Suas cascas foram indicadas para o preparo de um remédio abortivo.

*Myracrodruon urundeuva* teve um número aproximado de citações dentro das categorias medicinal e madeireira. Foi indicada no tratamento de câncer, dor de garganta, inflamações, ferimentos, dores renais e de coluna, sendo suas cascas usadas ainda na produção de xaropes, banhos, infusão, maceração e tinturas. Na categoria madeireira, a aroeira foi citada como madeira de excelente resistência para a fabricação de pilões, portas, porteiras, mourões e linhas. Uma devida atenção deve estar voltada para esta espécie que foi incluída, em 2008, na Lista Oficial de Plantas Brasileiras Ameaçadas de Extinção.

*Ziziphus joazeiro* foi a espécie mais representativa na categoria alimentícia, sendo ainda citada como forrageira e medicinal. O juá é um fruto muito apreciado e rico em vitamina C. As cascas do juazeiro são usadas para o tratamento de queimaduras,

mostrando-se bastante eficaz para este fim. Podem ser usadas ainda, quando raspadas, como excelente item de higiene bucal. As folhas foram lembradas como importante componente da alimentação bovina em períodos de seca, uma vez que esta árvore se mantém “sempre verde”, mesmo nos longos períodos de estiagem.

### CONCLUSÕES

A comunidade de Laginhas faz uso frequente e, das mais variadas formas dos recursos vegetais locais, sendo estes associados principalmente à cura de várias enfermidades e utilização da madeira para as mais diferentes finalidades.

Os entrevistados têm consciência de que a escassez das plantas (diminuição na diversidade vegetal) está associada à busca indiscriminada desses recursos e que dependem de fatores temporais. No entanto, não observamos nenhuma alternativa de sustentabilidade para essa região e nenhum tipo de armazenamento para suprir a falta de algumas espécies no período da estiagem.

### AGRADECIMENTOS

À comunidade de Laginhas pela hospitalidade e pelos momentos de grande aprendizado; À senhora Lydia Brasileira de Britto, proprietária da RPPN Stoessel de Britto, pelo acolhimento e dedicação durante a realização deste trabalho e ao Programa de Pesquisa em Biodiversidade Semi-árido (PPBio), pela bolsa concedida ao primeiro autor.

### REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002a.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). *Interciência*, Caracas, v. 27, n. 7, p. 336-346, 2002b.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. (Orgs.) *Métodos e técnicas de pesquisa etnobotânica*. Recife, PE: LivroRápido/NUPEEA, 2004. 189p.
- ALMEIDA, C. F. C. B. R.; ALBUQUERQUE, U. P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. *Interciência*, Caracas, v. 27, n. 6, p. 276-285, 2002.

- ARAÚJO, F. S. et al. Repartição da flora lenhosa no domínio da caatinga. In: ARAÚJO, F. S., RODAL, M. J. N. & BARBOSA, M. R. V. (Orgs.) **Análise das variações da biodiversidade do bioma caatinga**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p. 15-33.
- AMORIM, I. L.; SAMPAIO, E. V. S. B.; ARAÚJO, E. L. Flora e estrutura da vegetação arbustivo-arbórea de uma área de caatinga do Seridó, RN, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 615-623, 2005.
- APG [Angiosperm Phylogeny Group] III. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. **Botanical Journal of the Linnean Society**, London, v. 161, n. 2, p. 105-121, 2009.
- BAILEY, K. **Methods of social research**. 4<sup>th</sup>. ed. New York: The Free Press, 1994. 588 p.
- BATISTA, A. M. V.; AMORIM, G. L.; NASCIMENTO, M. S. B. Forrageiras. In: SAMPAIO, E. V. S. B. et al. (Ed.) **Espécies da flora nordestina de importância econômica potencial**. Recife, PE: APNE, 2005. p. 27-48.
- BRAGA, R. **Plantas do Nordeste: especialmente do Ceará**. 5 ed. Mossoró: ESAM, 2001. 495 p. (Coleção mossoroense, 1204).
- BRIDSON, D.; FORMAN, L. **The Herbarium Handbook**. Kew: Royal Botanical Garden, 1998. 732 p.
- CARVALHO, J. S. B. et al. Uso popular das plantas medicinais na comunidade da várzea, Garanhuns-PE. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Campina Grande, v. 13, n. 2, p. 58-65, 2013.
- CARTAXO, S. L.; SOUZA, M. M. A.; ALBUQUERQUE, U. P. Medicinal plants with bioprospecting potential used in semi-arid northeastern Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, Leiden, v. 131, n. 2, p. 326-342, 2010.
- CASTELLETTI, C. H. M. et al. Quanto ainda resta da Caatinga? Uma estimativa preliminar. In: LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. (Eds.). **Ecologia e conservação da caatinga**. Recife, PE: Editora Universitária UFPE, 2003. p. 719-734.
- FLORENTINO, A. T. N.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da caatinga, município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 37-47, 2007.
- GIULIETTI, A. M. et al. Espécies endêmicas da caatinga. In: SAMPAIO, E. V. S. B. et al. (Ed.). **Vegetação & Flora da Caatinga**. Recife, MG: Associação Plantas do Nordeste, 2002. p. 103-118.
- GOMES, E. C. S. et al. Plantas da caatinga de uso terapêutico: levantamento etnobotânico. **Engenharia Ambiental**, Espírito Santo do Pinhal, v. 5, n. 2, p. 74-85, 2008.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Brasília, 2000.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Ed. 2. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/documentos/recursos\_naturais/manuais\_tecnicos/manual\_tecnico\_vegetacao\_brasileira.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2013.
- LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL. 2013. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2010/>. Acesso em: 12 maio 2013.
- LOIOLA, M. I. B. et al. Leguminosas e seu potencial de uso em comunidades rurais de São Miguel do Gostoso, RN, Brasil. **Revista Caatinga**, Mossoró, v. 23, n. 3, p. 59-70, 2010.
- LUCENA, R. F. P. et al. Useful Plants of the Semi-Arid Northeastern Region of Brazil – A Look at their Conservation and Sustainable Use. **Environmental Monitoring and Assessment**, Orono, v. 125, n. 1-3, p. 281-290, 2007.
- LUCENA, R. F. P. et al. Local Uses of Native Plants in an Area of Caatinga Vegetation (Pernambuco, NE Brazil). **Ethnobotany Research & Applications**, Fort Worth, v. 6, p. 3-13, 2008.
- MAIA, G. N. **Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades**. São Paulo, SP: D & Z Computação Gráfica e Editora, 2004. 413 p.
- MARINHO, M. G. V.; SILVA, C. C.; ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 13, n. 2, p. 170-182, 2011.
- MOBOT. Missouri Botanical Garden. **Tropicos**. Disponível em: <http://www.tropicos.org/theplantlist/>. Acesso em: 02 ago. 2013.
- MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**, Mossoró, v. 22, n. 4, p. 225-234, 2009.

- NASCIMENTO, V. T. et al. Chemical characterization of native wild plants of dry seasonal forests of the semi-arid region of northeastern Brazil. **Food Research International**, Selangor, v. 44, n. 7, p. 2112-2119, 2011.
- OLIVEIRA, F.C.S.; BARROS, R.F.M.; MOITANETO, J.M. Plantas medicinais utilizada em comunidades rurais de Oeiras, semi-árido piauiense. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 12, n. 3, p. 282-301, 2010.
- PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v. 47, n. 1, p. 15-32, 1993.
- QUEIROZ, L. P. **Leguminosas da caatinga**. Feira de Santana, BA: UEFS. 2009, 467p.
- QUEIROZ, L. P.; CONCEIÇÃO, A.; GIULIETTI, A. M. Nordeste semi-árido: caracterização geral e lista das fanerógamas. In: GIULIETTI, A. M. et al. (Eds.). **Diversidade e caracterização das fanerógamas do semi-árido brasileiro**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2006. p. 15-359.
- ROQUE, A. A.; QUEIROZ, R. T.; LOIOLA, M. I. B. Diversidade florística do seridó potiguar. In: Freire, E. M. X. (Org.). **Recursos Naturais das caatingas: uma visão multidisciplinar**. Natal, RN: EDUFRN, 2009. p. 11-49.
- ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M. I. B. Uso e diversidade de plantas medicinais na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 12, n. 1, p. 31-42, 2010.
- SAMPAIO, E. V. S. B. Uso das plantas da Caatinga. In: \_\_\_\_\_. **Vegetação & Flora da Caatinga**. Recife, PE: APNE, 2002. p. 49-90.
- SANTANA, J. A. S.; SOUTO, J. S. Diversidade e estrutura fitossociológica da Caatinga na Estação Ecológica do Seridó- RN. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Campina Grande, v. 6, n. 2, p. 232-242, 2006.
- SANTOS, J. F. L.; AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C. Uso de plantas medicinais na comunidade rural da Vargem Grande, município de Natividade da Serra, SP. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 10, n. 3, p. 67-81, 2008.
- SILVA, A. J. R.; ANDRADE, L. H. C. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral - Mata do estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Botanica Brasileira**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 45-60, 2005.
- SILVA, A. C. O.; ALBUQUERQUE, U. P. Woody medicinal plants of the caatinga in the state of Pernambuco (Northeast Brazil). **Acta Botanica Brasileira**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 17- 26, 2005.
- SILVA, T. S.; FREIRE, E. M. X. Abordagem etnobotânica sobre plantas medicinais citadas por populações do entorno de uma unidade de conservação da caatinga do Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 12, n. 4, p. 427-435, 2010.
- TEIXEIRA, S. A.; MELO, J. I. M. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. **Iheringia**, Porto Alegre, v. 61, n. 1, p. 5-11, 2006.
- VARELA-FREIRE, A. A. **A caatinga hiperxerófila Seridó, a sua caracterização e estratégias para a sua conservação**. São Paulo, SP: Editora ACIESP, 2002. 39p.